
Fernanda Cristina Marquetti. *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores*

Amanda Brandão Ribeiro



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/313>

DOI: 10.4000/pontourbe.313

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 julho 2012

Refêrencia eletrónica

Amanda Brandão Ribeiro, « Fernanda Cristina Marquetti. *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores* », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 julho 2012, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/313> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.313>

Este documento foi criado de forma automática no dia 22 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Fernanda Cristina Marquetti. *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores*

Amanda Brandão Ribeiro

REFERÊNCIA

MARQUETTI, Fernanda Cristina. *O suicídio como espetáculo na metrópole: cenas, cenários e espectadores*. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2011. 245p.

- 1 A temática tratada por Fernanda Marquetti neste livro é conseqüência do desdobramento de uma pesquisa anterior na qual a autora procurava, através do histórico de vida, uma explicação sobre atos de suicídio.
- 2 Ao empreender seu trabalho de campo por meio de entrevistas com familiares de suicidas na cidade de São Paulo, a autora deparou-se com respostas que a encaminhava não apenas para uma questão de foro íntimo, como a primeira vista este assunto é pensado, mas também davam ênfase as cenas suicidas, com descrições do ato, dos locais do suicídio e da reação dos espectadores. O suicídio em relação ao externo foi algo também percebido na bibliografia lida por Marquetti, que relaciona este assunto com a subjetividade e com as questões estéticas da cultura das cidades, com a história da construção das metrópoles, entre outras.
- 3 Desta forma, a autora se propõe a tratar o suicídio como espetáculo na metrópole. Seguindo este viés, o objeto de estudo escolhido foram os suicídios públicos, ou seja, aqueles que ocorrem em ruas, viadutos, praças, avenidas, metrô, linhas férreas, etc.
- 4 A abordagem empreendida pela autora segue duas frentes: (i) entrevistas com representantes das principais instituições que se relacionam com a morte ou o suicídio na cidade de São Paulo para tentar desvelar quais são as significações atribuídas por eles ao assunto em questão; (ii) e um levantamento, através de consulta ao Programa de Aperfeiçoamento e Informação sobre Mortalidade do Município de São Paulo (Proaim),

dos pontos onde ocorreram suicídios em via pública durante o ano de 1995. Todos os 43 locais foram visitados com o intuito de reconstituir a cena, o cenário e os espectadores.

- 5 Para analisar os dados obtidos, Marquetti utiliza além da epidemiologia que, segundo a autora, permite descrever e avaliar os registros dos óbitos, o padrão de distribuição espacial, os bairros de ocorrência, sua distribuição nos meses, a fidedignidade dos dados e as subjetividades que interferiram no registro objetivo destes, faz uso, também, das categorias analíticas desenvolvidas por uma vertente da antropologia urbana, definindo os espaços a partir do uso que os sujeitos fazem deles.
- 6 A partir das entrevistas com os representantes das instituições com a qual a autora teve acesso (elas são: Companhia Metropolitana, Serviço Funerário, Centro de Valorização da Vida, Corpo de Bombeiros, Instituto Médico Legal e Secretaria Municipal e Estadual de Saúde), a autora afirma que a tendência delineada por Áries (1989) sobre a “interdição da morte” no Ocidente aplica-se também a situação brasileira. Tal interpretação deveu-se a resistência encontrada pela autora de algumas das instituições em falar sobre o tema. A Companhia Metropolitana pode ser citada como exemplo, já que é um destino conhecido de suicidas e que, como política de empresa, impede seus funcionários de comentar sobre o assunto.
- 7 Marquetti aponta algumas reações detectadas durante as entrevistas que reafirmam o suicídio como tabu: a utilização de meios-técnicos científicos como recursos sofisticados de evitação de mortes voluntárias, as atitudes incoerentes de leigos, os aparatos justificativos dos teóricos, a recusa das instituições em se manifestar.
- 8 Houve somente uma organização (que não possui sede em São Paulo, mas está disponível pela Internet), trazida ao conhecimento do leitor pela autora, que defende o direito do indivíduo sobre sua vida e morte. O Movimento pela Morte Suave é um grupo internacional que milita pelo direito ao suicídio e suas principais reivindicações são: a democratização do saber médico e das medicações que propiciam suicídios indolores e eficazes, o direito do suicídio perante a Justiça sem represálias e assessoria jurídica às famílias de suicidas.
- 9 O suicídio ocorrido em lugares públicos questiona o modelo ocidental de morte. O morto sai dos bastidores da vida social, do ambiente hospitalar e se impõe no cotidiano das pessoas. E, segundo a autora, o suicida que escolhe um lugar público para consumir o ato traz a morte de forma espetacular e redimensiona, desta forma, a perspectiva de morte daqueles que o circundam e altera suas adjacências, remodela e ressignifica o espaço urbano e, principalmente, influencia a cultura da morte da metrópole.
- 10 A constituição da cidade e a forma como ocorrem suas modificações foi utilizado neste trabalho para pensar o suicídio público, já que ela influencia seus habitantes em seu modo de vida e de morte.
- 11 Dentro de sua argumentação, Marquetti cita grandes teóricos das Ciências Sociais que trataram sobre as relações entre o homem e a sua convivência na metrópole. Autores como Georg Simmel escritor de *A Metrópole e a Vida Mental* e aqueles que compuseram a Escola de Chicago- Ezra Park, Burgess e Redfield somente para citar alguns deles- são indicados pela autora como teóricos da cidade do período moderno, onde o sujeito é visto como pré-moldado, massificado pelas estruturas, sem individualidade, racional e racionalizado pela cultura da era industrial, sem possibilidade de escapar ao tipo de subjetividade e interação social imposta.

- 12 Já a metrópole pós-moderna, momento no qual nos encontramos segunda a autora, que segue a abordagem do livro *A Condição Pós-moderna* de David Harvey, possibilita aos seus habitantes inúmeras relações com a subjetividades destes. A metáfora utilizada é a de teatro, ou seja, há uma série de palcos, de locais onde o indivíduo circula e mobiliza um papel, uma identidade de acordo com o contexto. Entretanto, este contexto apresenta dificuldades que adviriam do excesso, da falta de regras simbólicas, da ausência de referências, da multiplicidade de escolhas que desnorteiam os sujeitos e da desarticulação passado-presente-futuro.
- 13 Esta configuração da cidade possibilita a autora pensar sobre a questão do suicídio público como espetáculo na metrópole: essas encenações que são possíveis aos sujeitos podem ocasionar o “colamento” deste com sua representação fictícia, com a imagem. No espetáculo do suicídio, portanto, aquele que dá cabo ao ato não é mais sujeito, ele é a imagem ou a cena que invadirá o domínio privado dos espectadores Já não representa mais nada.
- 14 Esta característica apontada pela autora de ações como os suicídios públicos perderem a representatividade perante seus espectadores se demonstrou principalmente na tentativa de Marquetti em reconstituir as cenas por meio de entrevistas com aqueles que presenciaram o suicídio. No caso daqueles perpetrados em lugares como o Viaduto Santa Ifigênia, os entrevistados não se lembravam do caso específico citado pela autora, eles se referiam aos casos em geral e muitos se incomodavam em falar e de trabalhar em um lugar onde tais atos ocorrem rotineiramente.
- 15 No que diz respeito na quantidade de suicídios públicos encontrados, Marquetti aponta para um possível sub-registro. Todos seus entrevistados indicavam um erro no numero de óbitos que a pesquisadora teve acesso.
- 16 Mas apesar da indiferença dispensada aos suicidas neste contexto metropolitano, a autora afirma que ao escolherem o local de sua morte, eles levam em consideração sua própria história, imprimindo no espaço urbano sua identidade e aparência, além de deixar uma mensagem a sociedade circundante questionando o modo como lidamos com a morte.
- 17 Enfim, o trabalho aqui apresentado possui como mérito discutir um assunto difícil de se tratar, grande parte porque as pessoas preferem se calar e até mesmo nem pensar no tema do suicídio, acarretando em todas essas dificuldades e preconceitos sofridos por pessoas que estão diretamente envolvidos com estes acontecimentos. Além disso, ao meu ver, a importância de se pensar na morte é que ela está diretamente ligada no modo como levamos a vida. O Movimento pela Morte Suave, comentado pela autora, além de ter o crédito de questionar o tabu da morte nos evidencia as dificuldades passadas por quem está envolvido em um caso de suicídio. Será que se houvesse assistência médica aos suicidas haveria tantas mortes em locais públicos? Quais são as possibilidades apresentadas a estas pessoas? Tomo a liberdade de encerrar com um excerto escrito pelos militantes deste movimento e que está reproduzido na obra de Marquetti:

O suicida trai algo, trai de algum modo o pacto tácito dos vivos, que aí estão só para se engalfinharem na existência. Suicidar-se é indigno. É covardia fugir, desertar da existência, que, como se sabe, é um combate. [...]Pode parecer paradoxal falar da morte para mudar a vida. Isso só acontece porque nossa morte, tal como o nosso corpo, foram-nos confiscados desde o primeiro sopro, e porque mudar de vida significa refazer-nos totalmente, inclusive e sobretudo naquilo que nos atemoriza porque nos ensinaram o medo.(GUILLON & LE BONNIEC, 1990, p. 130)

BIBLIOGRAFIA

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. 2ª Ed. Lisboa, Teorema, 1989.

GUILLON, Claude & LE BONNIEC, Yves. *Suicídio: Modo de usar, história, técnica e notícia*. Lisboa, Antígona, 1990.

HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1993.

HIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.), *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

AUTORES

AMANDA BRANDÃO RIBEIRO

Mestranda em Antropologia Social- USP brandao_amanda@hotmail.com